

# PROCESSOS DE ELABORAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO MACHISMO NO COMBATE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Natália Marina de Oliveira

Ione Aparecida Neto Rodrigues

## RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com intuito de promover a discussão sobre como o machismo estruturado é a base para a construção da masculinidade tóxica onde tem como consequência a violência de gênero. O estudo foi conduzido a partir de uma pesquisa documental que teve como base o documentário O silêncio dos homens para retratar a realidade social. Posto isso, busca responder a seguinte questão: quais os caminhos percorridos pelos homens do documentário O silêncio dos homens para elaborar e superar o próprio machismo? O objetivo da pesquisa é investigar quais foram as possíveis influências psicossociais na formação do machismo; compreender como os homens identificaram o próprio machismo e propor estratégias no combate a violência de gênero. Neste trabalho usou-se a metodologia de conteúdo segundo Bardin (1977). A pesquisa, demonstrou que os estudos sobre masculinidades são estudos presentes e atuais na sociedade. Os resultados obtidos nessa pesquisa se deram pela via da palavra. Falar sobre a construção do machismo, debater sobre os modos de ser do homem na sociedade contemporânea, falar sobre o poder, sobre a dominação masculina e a violência de gênero gerada em torno do machismo, que tem como base o patriarcado, é de suma importância, pois a própria pesquisa demonstra que os debates e as discussões em torno dessa temática estão acontecendo a anos, mas que só agora está tendo maior repercussão.

**Palavras-chave:** Violência. Gênero. Masculinidade tóxica. Machismo.

## ABSTRACT

The following research was conducted to promote discussion of how structured machismo is the basis for the construction of toxic masculinity where gender violence results. The study was conducted from a documentary research that was based on the documentary the silence of men to portray social reality. Having said that, the present article seeks to answer the following question: what are the ways men follow in the documentary the silence of men to elaborate and overcome their own machismo? The aim of the research is to investigate what were the possible psychosocial influences on the formation of machismo; Understand how men have identified their own machismo and propose strategies to combat gender violence. The methodology used is content analysis according to Bardin (1977). The present work demonstrated that studies on masculinities are present and current studies in society. The results obtained in this research are given through the word. Talking about the construction of machismo, debating about the ways of being of man in today's society, talking about the power, male domination and gender-based violence that is based around patriarchy is of paramount importance, because the research itself shows that the debates and discussions around this theme have been going on for years, but only now it is having greater repercussion.

**Keywords:** Violence. Genre. Toxic masculinity. Chauvinism.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia, Bacharelado, pela Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: nataliamarinaoliveirapsi@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos em Linguagem- Cefet- MG; Mestre em Educação Tecnológica- Cefet- MG, Graduada em Pedagogia- UEMG; Especialista da Educação- SEE- MG; Coordenadora Pedagógica da Faculdade Ciências da Vida- Sete Lagoas- MG. E-mail: ionerodrigues0912@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como fonte primordial o documentário *O Silêncio dos Homens* feito em 2019 com duração de uma hora. Produzido por Papo de Homem e Instituto (PDH). O documentário é uma iniciativa desenvolvida pelo projeto *Papo de Homem*, que aborda sobre a masculinidade e as suas angústias, dores, qualidades, omissões e os processos de mudanças dos homens. O documentário partiu de uma pesquisa com 47.002 pessoas, dezenas de especialistas, instituições, escolas e grupos. O projeto foi feito em 2016 com cerca de 20.000 pessoas. Neste documentário retrata que 7 em cada grupo de 10 homens não expressam seus medos e dúvidas com amigos (PAPO DE HOMEM,2019). Na medida em que foram aprofundando as pesquisas sobre masculinidade foram percebendo que o silêncio dos homens era a raiz de vários outros problemas sociais, históricos e culturais Brasil. Assim, se iniciou uma grande pesquisa que deu origem ao documentário *O Silêncio dos Homens* em 2019.

O documentário teve repercussão nacional positiva em revistas como Carta Capital, Revista Galileu, Estado de Minas. O tema sobre masculinidade apresenta ser uma discussão presente nos dias atuais. Deste modo, este trabalho tem o intuito de promover a seguinte problematização: Quais os caminhos percorridos pelos homens do documentário *O Silêncio dos Homens* para elaborar e superar o próprio machismo? O machismo, segundo Drumont (1980), é um sistema de dominação masculina porém, ele é aceito pela sociedade, pois oferece, enquanto sistema formado por valores e crenças, modelos de identidade que perpassam no decorrer da vida e da história de homens e mulheres, assim, ele é considerado uma aspiração para os homens e mantido ou invejado pelas mulheres. Deste modo, há uma hierarquização no processo do machismo, em que ele é posto pelo dominado e dominante. Assim, é necessário trazer à tona a discussão sobre as relações de gênero, pois essas são construídas socialmente.

Na pesquisa foi investigada a socialização sexista, os exemplos violentos dentro de casa e a naturalização da fragilidade feminina através do documentário, *O Silêncio dos Homens*. O objetivo da pesquisa é investigar quais foram as possíveis influências psicossociais na formação do machismo; Compreender como os homens do documentário *O silêncio dos homens* identificaram o próprio machismo e propor estratégias no combate a violência de gênero. O método de pesquisa que será utilizado neste artigo é o descritivo, exploratório. A técnica de coleta de dados equivalerá a análise de vídeos, reportagens, artigos

científicos, se caracterizando assim como uma análise documental. Tendo como revisão de literatura artigos científicos selecionados em sites como: Scielo e Google Acadêmico, para a fonte de pesquisas. A análise dos dados ocorreu conforme a análise de conteúdo, Bardin (1977).

Portanto, este trabalho se justifica por ser um tema atual, que visa mostrar como o machismo é uma estrutura social fortemente alicerçada pelo patriarcado que tem como consequência maior a violência de gênero, feminicídios, abuso de drogas, álcool e suicídios. Deste modo, falar desse tema possibilita problematizar as questões sociais de gênero e discutir sobre estratégias ao combate a violência de gênero.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 HOMENS E MULHERES: CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS**

O processo histórico e cultural da nossa sociedade é pautado na construção da função masculina e feminina. Antes do processo de industrialização, o lugar da mulher era trabalhar no lar para garantir um bom funcionamento da casa, boa criação dos filhos e cuidar do marido. Através do processo da revolução industrial a mulher se deslocou do trabalho de casa para se inserir no mercado de trabalho ao lado dos homens. Nesse processo houve uma grande desmistificação do lugar da mulher. Antes a mulher biologicamente não teria competência para usar sua força física e sua inteligência e hoje a mulher mostra estar apta a trabalhar ao lado dos homens (SANTOS, 2010).

Através do processo de deslocamento social, a mulher foi ganhando aos poucos espaços no mercado de trabalho e na área da produção científica. Por volta de 1960, as pesquisadoras buscaram tentar entender a relação entre mulher e homem e assim, houve a necessidade de se estabelecer o termo gênero para maior aceitação da academia de produção científica da época, em que se predominava em sua grande maioria por homens (SANTOS, 2010). Na pesquisa atual, o termo gênero e sexo são retratados como categorias para compreensão de questões que envolvem a construção da subjetividade e os papéis atribuídos aos homens e às mulheres socialmente. Em vista disso, as desigualdades de gênero saem das diferenças biológicas e se apresenta como o estudo social e relacional entre as funções sociais ligadas ao gênero (SCOTT, 1995).

Portanto, o indivíduo antes mesmo de nascer, está fadado a um ideal por ser do sexo feminino ou masculino. Sendo menino ou menina, já se é definido a cor rosa ou azul para o quarto, a roupa, as possíveis escolhas profissionais, pois a estrutura social de gênero já está determinada. Assim, as influências culturais e sociais já estão impostas para o ideal de mulher e de homem, logo, se estabelece o poder e a dominação masculina e a fragilidade feminina, definidos culturalmente e socialmente antes mesmo do indivíduo nascer (VIANA; FERRARINI, 2016).

## 2.2. MACHISMO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA, SOCIAL E CULTURAL.

A construção do machismo se dá a partir de ideologias sociais perante os sistemas institucionais que oferece o modelo de identidade para o ser masculino e para o ser feminino. Portanto, o machismo ele é aceito e incorporado por todos, mas é liderado e mediado pelo poder masculino (DRUMONT, 1980). O conceito acima corrobora com a ideia da construção representacional do machismo através da relação da dominação e exploração que se utiliza do sexo masculino como o dominador e o sexo feminino como dominado (DRUMONT, 1980).

Para melhor compreensão do machismo, é de suma importância entender sobre o conceito de masculinidade. O conceito de masculinidade é um fenômeno que deve ser analisado por diversas vertentes, pois é um sistema de interações complexas de fatores biológicos e sociais. Portanto, a masculinidade é um conjunto de idealizações históricas e culturais a respeito do sexo masculino perante uma certa sociedade. Tratando-se de uma construção social, compreende-se que a masculinidade se apresenta de formas diferentes em relação à cultura e assim sofre modificações no decorrer do tempo, da história, dentro de uma mesma cultura (SCOTT, 1995).

Deste modo, o homem é idealizado desde ao nascer, através das masculinidades existentes perante a sociedade. A masculinidade é moldada fortemente pela via da educação, na qual o menino se desenvolve por meio de um entendimento social do que é a figura masculina (NOLASCO, 1993). A nossa cultura formula o homem heteronormativo por meio da cultura patriarcal, em que o homem é o detentor de poder das relações sociais sendo o provedor, o consumidor, o líder, o malandro, o machão, o inconsequente. Quando um homem não se enquadra no modelo socialmente aceito de masculinidade, é excluído, visto como

afeminado e até mesmo, fraco perante os outros homens, os igualando ao lugar da mulher (AGUIAR; DINIZ, 2017)

O período histórico em que houve mudanças significativas no modo de ser do homem se atravessa a partir do período da cultura grega, na qual havia mitos que associavam homens às representações de heróis, que se destacavam pela coragem e o sacrifício. Na idade média os princípios gregos foram postos em segundo plano, pois houve a nova visão de mundo do teocentrismo, em que Deus era o centro de tudo. Nessa nova perspectiva de masculinidade o homem era visto como homem-herói em que tinha que defender a igreja, as mulheres e os menos favorecidos. A partir dessa transformação foi criado o duelo onde o homem defendia a honra ameaçada ou abalada por qualquer ocasião. Deste modo, o modelo de honra atravessou toda a idade média, sendo criado na idade moderna o cavalheirismo, que esteve até o século XX como uma maneira de ser do homem (VIANA; FERRARINI, 2016)

Entretanto, na inclusão do capitalismo houve um deslocamento do papel social do homem, no qual teve que lidar com a divisão do espaço do trabalho com a mulher. Assim, obteve-se uma nova configuração dos papéis de gênero na sociedade. Conseqüentemente, ocorreu uma nova organização nas representações de masculinidade e a partir desse período histórico houve o fortalecimento da família burguesa, tendo assim, a estruturação do patriarcado. Posteriormente, nas grandes guerras mundiais, ocorreram muitas mortes de homens, sucedendo assim, uma grande mudança no universo masculino, pois as mulheres começaram a fazer parte do mercado de trabalho e desta forma, os homens perderam seu papel de provedor exclusivo da família (VIANA; FERRARINI, 2016).

Aguiar e Diniz (2017) descrevem que as instituições família, igreja, organizações políticas e militares passaram a enfrentar grandes crises e mudanças no cenário social. Os movimentos feministas e homossexuais da época passaram a questionar o lugar do homem e seu lugar de poder nas relações sociais. Diante disso, o lugar fortemente demarcado pelos homens na história passou por grandes transformações. A partir disso, ocorreu a crise da masculinidade, que se configura como confusão, angústia e incerteza por parte dos homens. Antes o homem estava relacionado a símbolos em que era valorizado socialmente como o herói, o cavaleiro, chefe de família e provedor. Agora o homem passou a ser representado como imaturo, irresponsável e violento.

O cenário atual demonstra que o sexo masculino está vinculado ao pior indicador social: estão em liderança nas taxas de suicídios, homicídios, encarceramento, acidente de trânsito, abuso de drogas e álcool. Portanto, o homem também está sendo afetado por uma

construção tóxica da masculinidade, na qual deve sempre se apresentar, forte, sem demonstrar suas emoções, sendo violento, infiel, provedor e dominador (AGUIAR; DINIZ, 2017).

### 2.3 NATURALIZAÇÃO DA DOMINAÇÃO MASCULINA E O AUMENTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA CONTEMPORANEIDADE

O atual cenário brasileiro se depara com o aumento do índice de violência contra a mulher, tendo como dado importante 4.936 mulheres vítimas de feminicídio no ano de 2017. Neste contexto, houve crescimento expressivo no índice de violência contra a mulher no período de 2007 a 2017. Em apenas 10 anos, houve 30,7% de aumento nos casos de feminicídio notificados por todo Brasil no ano de 2017, o crescimento foi de 6,3% comparado ao ano de 2016 (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019).

No contexto do aumento da violência contra a mulher, as pesquisas que foram feitas com homens autores de violência conjugal, são apontadas nos resultados a naturalização da violência nas relações conjugais das famílias dos autores de violência doméstica. Essa naturalização é apresentada a partir de relatos de homens autuados pela Lei Maria da Penha, que indicam que a mulher é submissa ao homem, realizar as tarefas domésticas, aceitar que os parceiros tenham relações extraconjugais pois, este comportamento é natural do homem. Nos relatos também é demonstrado como a mulher está sempre vinculada aos cuidados dos filhos e da casa, enquanto o homem deve trabalhar para prover uma boa vida para sua família. Os homens relatam o que foi aprendido em seu contexto familiar, e assim, são repetidos em sua família de origem causando um ciclo de violência contra a mulher e a naturalização dessa violência (OLIVEIRA,2016).

Lima (2019) descreve em seu artigo uma entrevista com a promotora Érica Verícia Canuto que trabalha com grupo reflexivo de homens autores de violência doméstica. Uma das falas que chamou atenção da promotora em seu projeto “Grupo Reflexivo de Homens” foi: “Não bati nela, bati no atrevimento dela”. Observa-se nesse discurso o modelo de masculinidade que enxerga a autonomia da mulher como um “atrevimento”, por consequência, o homem detém o poder de punir a mulher de maneira violenta por não aceitar a atitude atrevida da mulher na relação conjugal (LIMA, 2019).

É possível perceber que alguns homens compreendem o relacionamento entre homens e mulheres como relações socialmente construídas a partir das gerações familiares.

O homem e a mulher socialmente já estão demarcados por lugares em que os gêneros estão sempre em constante conflito relacional. A mulher no lugar de submissão e o homem no lugar de provedor do lar e da família. Portanto, o comportamento sexista e violento é a naturalização em reforçar o que lhe foi aprendido. “Lugar de mulher é em casa, cuidando dos filhos e do lar”. Nessa fala mostra que o lugar da mulher já está determinado e que contrariar este lugar é estar ultrapassando os limites impostos socialmente nas relações de gênero (OLIVEIRA, 2016).

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa surgiu a partir da seguinte questão norteadora: qual o percurso feito pelos homens do documentário *O Silêncio dos Homens* para elaborar e superar o próprio machismo? O documentário é uma abordagem crítica sobre a masculinidade que tem como objetivo refletir e provocar questionamentos sobre o modelo masculino que é imposto socialmente e culturalmente sobre meninos e homens, fazendo com que estes sejam silenciados no decorrer de suas vidas. Portanto, a pesquisa foi realizada através da natureza descritiva de metodologia qualitativa. Quanto a abordagem da pesquisa se caracteriza como qualitativa pois, conforme Godoy (1995), esta se define como um processo de interação entre a sociedade e o indivíduo. Assim, a metodologia qualitativa se dá na maneira em que o pesquisador consegue captar a realidade social a partir da realidade do pesquisado por meio da investigação empírica do mundo (GODOY, 1995).

A pesquisa desenvolveu-se a partir da análise de conteúdo, de natureza qualitativa, por meio do documentário *O Silêncio dos Homens*. Segundo Bardin, a análise de conteúdo é um método que trabalha a investigação da palavra a partir do reconhecimento dos emissores identificáveis da linguagem (BARDIN, 1977). Assim, as fontes utilizadas para aquisição de referências se deu a partir de recursos bibliográficos por meio de leituras de artigos científicos selecionados em sites como: Scielo, sites de universidades e Google Acadêmico.

Foram selecionadas 7 falas no decorrer do documentário *O Silêncio dos Homens* que possibilitou melhor embasamento das categorias a partir dos objetivos da pesquisa. Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa se define como documental que, para Cellard (2008), possibilita ao pesquisador a análise na dimensão do tempo e compreensão social. A metodologia de análise documental favorece a observação minuciosa do material, o processo

de maturação e a observação na evolução dos indivíduos, grupos, práticas sociais, entre outros (CELLARD, 2008).

Para iniciar a coleta de dados foi realizada a análise do documentário por meio da observação sistemática dos dados. O critério de inclusão foi estabelecido por meio dos objetivos da pesquisa. Assim, as falas selecionadas foram divididas em categorias iniciais, intermediárias e finais, deste modo, desenvolveu-se a sistematização das ideias embasadas a partir do referencial teórico (BARDIN, 1977).

**Quadro 1:** Construção das categorias

Iniciais	Intermediárias	Finais
1.Poder	Influências psicossociais Padrões Sociais Patriarcado	1. Construção do Machismo.
2.Dominação		
3.Violência		
4.Opressão		
5. Sexismo		
6.Provedor		
7.Controle		
8.Descoberta	Processo de Mudança Masculinidades Construção Subjetiva	2. Identificação do Machismo.
9.Receios		
10.Escolha		
11.Construção		
12. Questionamentos		
13.Mudança	Diálogo Transformação Educação	3. Estratégias ao Combate a Violência de Gênero.
14.Responsabilização		
15. Reflexão		
16.Conscientização		
17.Afetividade		
18.Sensibilização		

**Fonte:** Dados da pesquisa

**4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

O documentário *O Silêncio dos Homens* fala sobre a masculinidade e as suas dores, angústias, qualidades, omissões e os processos de mudanças dos homens. O intuito do documentário é aprofundar na discussão sobre masculinidade. Portanto, é possível perceber como a masculinidade tóxica é a raiz de vários outros problemas sociais. Assim é retratado no documentário sobre: violência de gênero, ausência de mulheres no poder, na política e



economia, mortes, violências, taxas altíssimas de homicídios, entre outras tantas questões. Nesse contexto, a proposta é falar sobre *O Silêncio dos Homens*, que está envolvido na relação social, verbal, emocional, dos homens tanto na esfera individual, quanto no coletivo. Deste modo, o documentário vem destacar como as relações sociais misóginas, sexistas, racistas, homofóbicas e machistas são construídas ao longo do processo histórico a partir de uma formação social e cultura. É necessário falar do silêncio dos homens, pois esse silêncio é a causa de muito dos problemas urgentes da sociedade (PAPO DE HOMEM, 2019).

#### 4.1 FORMAÇÃO DO MACHISMO

A presente categoria busca investigar as questões psicológicas e sociais que contribuem para a formação do machismo. Segundo Drumont (1980), pode-se conceituar o machismo a partir de um modelo que tem como princípios representações que se baseiam na relação de exploração e dominação entre homens e mulheres. Portanto, o machismo é um sistema ideológico que proporciona um modelo de identidade que interfere no modo de ser do homem e no modo de ser da mulher, logo, ele é aceito por toda a sociedade, mas é mediado pela liderança masculina (DRUMONT, 1980). A fala a seguir demonstra a percepção de um homem sobre como o sistema machista é um modelo construído e estruturado.

“Os homens, eles desde pequeno têm que forjar uma identidade masculina, que é essa imagem baseada na força, na não sensibilidade. É como se a parte emocional a parte afetiva não pudesse vir à tona, né! E isso cria uma camisa de força dentro do universo masculino, né! É como se os homens crescessem, muitas vezes, com suas emoções todas trancafiadas.” E. C, (2019) – Psicólogo e pesquisador em masculinidades, gênero e saúde.

O estudo feito por Aguiar e Diniz (2017) sobre masculinidade aponta que o aprendizado social é construído a partir do modelo hegemônico de masculinidade, em que esse possibilita um aprisionamento da identidade dos papéis tradicionais do sexo masculino, fazendo com que estes papéis interfiram e limitem os homens a terem a autonomia de suas próprias identidades, pois esta já está imposta socialmente. A partir desta realidade, é identificado que os homens são ensinados desde a infância a serem violentos com eles mesmos e com as mulheres. Essa violência é consequência do processo de construção social que perpassa de geração em geração por intermédio do patriarcado, tendo o homem como detentor do poder nas relações sociais (AGUIAR; DINIZ, 2017).

O relato abaixo retrata como as influências psicossociais do machismo no âmbito familiar interferem na relação do indivíduo com seu futuro:

“Pelo que o meu pai nos criou, ele sempre dizia que se não fizesse o que ele mandasse fazer, o cacete rolava! A gente não tinha a liberdade de sentar com ele assim, “pai eu quero conversar com o senhor”. A gente não tinha isso. Quando ele sentava pra conversar já era com a tabica na mão. Reunia os meninos, aos meus irmãos pra que um batesse no outro. “Você hoje vai cortar uma tabica pra bater em quem errou”. Então tudo isso veio uma consequência que me oprimiu até quando eu escutei minha esposa dizer, “eu estou grávida! ”. Pronto! Eu vou querer para o meu filho coisas boas. Não vou querer o que meu pai fez comigo. ” J. A. C. N. (2019).

Diante da fala acima, pode-se perceber como a relação do J. A. C. N. (2019) com seu pai autoritário, dominador e violento o fez questionar o modo como ele iria ser com seu próprio filho. A partir dessa fala é possível observar como a influência psicossocial se faz presente no modo de como o indivíduo se vê no mundo. Aguiar e Diniz (2017) retratam como as expectativas na relação de um homem com ele mesmo e o lugar em que deve ocupar na família e na sociedade, são incorporados desde a sua infância a partir da maneira em que o sujeito apreende todos os seus valores e suas crenças pelo contato primário com seus cuidadores, a partir do processo de socialização (AGUIAR; DINIZ, 2017).

#### 4.2 IDENTIFICAÇÃO DO MACHISMO

Nesta categoria será retratado como os homens do documentário *O Silêncio dos Homens* identificaram o próprio machismo. Através da categorização dos dados foi possível perceber que os fatores importantes para a identificação do machismo se dão pela via do questionamento e da não identificação com o modelo hegemônico masculino. A partir dessas reflexões, os homens começam a construir uma nova identidade masculina através de uma construção subjetiva por meio de novas experiências e interações saudáveis que foram conduzidas por conversas e discussões em grupos reflexivos sobre masculinidade.

A fala a seguir demonstra o olhar de um homem sobre o próprio machismo.

“A minha história é como a história de muitos homens, assim, né! De um modelo de masculino bem machista, com o qual eu não me identificava de maneira alguma, com a falta de referência de outras possibilidades de ser homem e aí esse conflito interno de como pertencer a esse mundo masculino sendo que eu não me identificava com ele. ” F. H. R. (2019) Mestre em psicologia clínica.

No relato acima pode-se observar como o próprio homem consegue questionar e elaborar o funcionamento da masculinidade tóxica na sociedade que reflete diretamente no modo de ser do homem. Não se pode desconsiderar a formação do participante, pois o seu conhecimento está embasado em uma perspectiva de formação psicológica e social.

Nolasco, (1993) descreve em seu livro que os homens crescem com a tendência a baixas habilidades comunicacionais e expressão emocional. Para aprovação social os homens usam a raiva como sentimento. Por consequência, os homens sofrem pressões sociais que os fazem aderir aos padrões sociais impostos, assim, se expõem a riscos que podem atingir sua integridade física, psíquica e emocional e, como uma consequência da repressão emocional da infância e adolescência, na vida adulta o homem não consegue acessar as suas emoções e demandas afetivas e por consequência dessa socialização da masculinidade tóxica começam a desenvolver habilidades dominadoras, controladoras e agressivas (NOLASCO, 1993). Esta fala retrata como o machismo está introduzido na vivência do indivíduo.

“Eu sou machista, vivi e fui criado em uma sociedade machista, eu vou me educando através de relacionamentos, através de conversas pra ser o mínimo de machista que eu consigo.” I. A, (2019) Pesquisador de masculinidade.

Contudo, a reflexão feita por F. H. R, (2019) e I. A, (2019) só foi possível pela busca de conhecimento da masculinidade tóxica por meio de grupos reflexivos de homens. Nesses grupos é debatido sobre a vivência social dos homens por diversos temas, como: paternidade, masculinidades, machismo, violência de gênero, entre outros temas que vão surgindo no percurso das conversas.

#### 4.3 COMBATE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A presente categoria vem descrever como as estratégias do combate a violência de gênero são mecanismos transformadores na relação entre mulheres e homens. Será relatado como os grupos reflexivos para homens autores da violência de gênero apresentam índices satisfatórios nas estratégias ao combate a violência contra a mulher. A fala a seguir é um relato de um homem, autor de violência doméstica, que foi intimado pelo juiz para participar de grupos reflexivos de violência contra a mulher. A participação ao grupo foi obrigatória, pois é uma forma de punição pelo crime cometido.

“São reuniões A cada 15 dias, os encontros. Não fui no primeiro, não gostei! Sai de lá super revoltado, mas enfim, né? Aí fui no segundo. No terceiro encontro no final do encontro eu tiver oportunidade de estar respondendo de tá expondo meu caso. Eu fui me abrir para o pessoal da equipe e tal e daí eu falei pô! Eu tenho muita coisa para mim mudar sabe. Muita coisa para mim aprender aqui! Eu comecei a ir mais com vontade, sabe? Como são a cada 15 dias, uma semana sim, uma semana não. Na semana que não tinha eu comecei a sentir falta do projeto, sabe! Quando finalizou. Finalizou em dezembro, eu em janeiro eu tava procurando eles porque eu queria mais, sabe!” B. C. (2019) -Palestrante de Combate a violência de gênero.

A fala acima demonstra resistência inicial em falar sobre o ato de violência. Contudo, é importante ressaltar como o recurso da linguagem da palavra é um fator primordial para que o indivíduo possa trazer à tona o que lhe incomoda. Para Vygotsky (2006), os recursos da linguagem são mecanismos inerentes a serem utilizados pelos seres humanos para intervir e transformar o meio em que está inserido, isto é, transformando-o e, por influência, provocando mudanças aos indivíduos que estão envolvidos em seu grupo social (VYGOTSKY, 2006). Deste modo, o debate é um elemento de poder para o combate a violência de gênero, pois é na comunicação que acontece a mediação para intervenções em um grupo social. A partir dessa concepção pode-se construir metodologias participativas que transforme os indivíduos envolvidos nesta dinâmica (OLIVEIRA, 2016).

Portanto, se torna possível desenvolver junto aos homens a ressignificação de si e dos outros, estabelecendo assim, uma nova forma de lidar e reconstruir as questões sociais envolvidas no combate a violência de gênero, por meio de um diálogo aberto sem julgamentos, mas de forma a entender o que o outro sente, pensa e diz. Tendo assim um novo olhar para a temática colocada em questão (KNIPPEL; AESCHLIMANN, 2015). A fala abaixo é o relato do mesmo homem depois da participação do grupo reflexivo de homens autores de violência doméstica.

“Hoje eu consigo tratar minha companheira com respeito que ela merece. Sei que não vou ser menos homem porque eu tô passando pano, porque eu tô lavando uma louça, ou porque fui para o fogão, sabe! Sei que tô ajudando ela até porque eu moro ali. Não é que eu tô ajudando ela, eu moro ali. É minha obrigação é minha também, né! Então é assim, eu sou muito grato ao projeto, né! Porque eu acho que eu não conseguiria estar limpo das drogas ainda se não fosse o projeto mudar o meu comportamento.” B. C. (2019) -Palestrante de Combate à violência de gênero.

A fala demonstra a conscientização no modo de se relacionar com sua companheira, logo, esse relato corrobora com a efetividade dos grupos reflexivos de violência contra a mulher. Segundo Oliveira (2016), as representações sociais são conhecimentos a respeito de acontecimentos, eventos ou objetos sociais construídos no cotidiano por um grupo social,

sendo atravessados pelas condições sociais, históricas, culturais inerentes a esse grupo. Esses conhecimentos são forjados entre as comunicações e interações grupais estabelecidas. Essas se caracterizam pela dinamicidade e pluralidade de saberes, que confluem ou discordam perante as próprias relações grupais. Nesse aspecto as intervenções a partir da dinâmica de grupo transformam o olhar daqueles que estão se relacionando com a temática levantada por aquele grupo. Dando aos mesmos, novas possibilidades de enfrentamento e conhecimento sobre aquele assunto, retirando a alienação nas relações sociais de gênero (OLIVEIRA, 2016).

Considerando as configurações das representações sociais enquanto produto e processo das relações grupais, é necessário entender o fenômeno sujeito da representação e o grupo no qual o representa. Compreender o grupo e as suas necessidades, crenças, valores e relações que permitem caminhos oportunos para a pesquisa em representações sociais. (SILVA *et al.*, 2015). A seguir está a fala da promotora de justiça que criou o projeto Tempo de despertar que demonstra dados expressivos do combate a violência de gênero.

“Nós conseguimos diminuir a reincidência com os grupos reflexivos desses homens que eram 65% para quanto de reincidência? 2%. Então é um resultado. Quase nenhum desses homens voltou a cometer o ato de violência contra mulher. Mas do ponto de vista social, subjetivo, o maior resultado é esse. O homem voltar para mim falar o seguinte: Doutora Gabriela, eu não cometo mais violência contra mulher, mas tem uma coisa que isso me ajudou eu consegui olhar para o meu filho e falar eu te amo. Eu consegui entrar num grupo pra tratar do meu alcoolismo. Eu tenho mais amigos no trabalho. Para mim é o resultado mais expressivo desses grupos reflexivos de homens. Mostrando que a essa possibilidade e é efetiva e os homens podem sim despertar para uma nova vida.” G. M - Promotora de Justiça.

O tempo de despertar é um projeto de grupos reflexivos de homens autores de violência de gênero. O intuito do grupo é combater a violência de gênero com o propósito em diminuir a reincidência da violência contra a mulher. O público alvo desse projeto são homens que respondem a inquérito policial. O projeto tempo de despertar tornou-se um projeto de lei em 2018 como uma iniciativa para o combate a violência de gênero no estado de São Paulo (ESTADÃO, 2018). O projeto tempo de despertar é uma iniciativa que deu certo, é necessário criar políticas públicas como essa para que possa se expandir em cada município do Brasil. Assim, estaremos no caminho para um combate nacional contra a violência de gênero.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho, demonstrou que os estudos sobre masculinidades são estudos presentes e atuais na sociedade. Os resultados obtidos nessa pesquisa se dão pela via da palavra. Falar sobre a construção do machismo, debater sobre os modos de ser do homem na sociedade atual, falar sobre o poder, a dominação masculina e a violência de gênero gerada em torno do machismo, que tem como base o patriarcado, é de suma importância, pois a própria pesquisa demonstra que os debates e as discussões em torno dessa temática estão acontecendo a anos, mas que só agora está tendo maior repercussão.

A ideia da pesquisa em propor estratégias ao combate a violência de gênero se dá por meio dos grupos reflexivos, dos debates e discussões em torno da problemática gênero. Esta pesquisa teve como limitação a investigação dos grupos focais que discutam sobre a masculinidade presentes no documentário *O Silêncio dos Homens*. A partir dos questionamentos levantados por esse estudo foi possível perceber como as pesquisas no campo do combate ao machismo, ao patriarcado e a violência de gênero são necessárias, pois é demonstrado que o sofrimento é social e não em torno do sexo feminino ou masculino, mas em torno de um modelo construído socialmente e culturalmente que propõe uma discussão sistemática que está iniciando em todo o país.

Portanto, este trabalho tem como contribuição social um novo olhar sobre a violência de gênero. Falar sobre a violência de gênero é falar sobre o machismo, sobre o homem e sobre a sociedade. É falar que o machismo e o patriarcado também atingem os homens. É falar que para combater a violência de gênero é necessário combater o machismo e as ideologias de gênero. Para novas pesquisas, sugere-se investigar quais são os enfrentamentos sociais dos homens que não se encaixam no modelo heteronormativo da nossa sociedade. Essa pesquisa possibilitará melhor compreensão dos padrões sociais impostos aos homens.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. H. M; DINIZ, G. R. S. Estudos sobre masculinidades e seus impactos no trabalho com homens autores de violência. **Política Social e Gênero**. 2017. 17, n. 2 Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31264>>. Acessado em: 09 de ago. 2019.

BARDIN L. L. **Análise de Conteúdo**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=979585>>. Acessado em: 11 de out.2019.

ESTADÃO, “**Tempo de despertar” vira lei**. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/tempo-de-despertar-vira-lei/>>. Acessado em: 11 de out. 2019.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades artigos: uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em ciências sociais**. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acessado em: 07 de set. 2019.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Rio de Janeiro) **Atlas da violência**. Rio de Janeiro: IPEA, 2019. 1 atlas. Escala 1:2.000. 2019. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34784&Itemid=432](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432)>. Acessado em: 15 de abr. 2019.

KNIPPEL, L. E; AESCHLIMANN, N. A. C. M, (2015) Educação e equidade de gêneros. **Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará**. p. 59-85, set/nov. 2017. Disponível em: <<http://revistathemis.tjce.jus.br/index.php/THEMIS/article/viewFile/569/538>>. Acesso em: 25 de abr. 2019.

LIMA, Andressa L. M. “**Não bati nela, bati no atrevimento dela” entrevista: Érica Canuto (promotora de justiça do mpf/rn)**207. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/download/17485/11429/>>. Acessado em: 07 de set. 2019.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, S. M. J. A violência doméstica e familiar contra a mulher-poder e gerações sócias. **Diálogos Possíveis**. Salvador, ano 15, número 2, p. 127-147, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.faculdadesocial.edu.br/index.php/dialogospossiveis/article/viewFile/401/302>. Acesso em: 28 de abr. 2019.

**PAPO DE HOMEM 12 ANOS**, Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BaHYKmWJXhkJ:https://papodehomem.com.br/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> 2019. Acessado em: 27 de out. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 de abr. 2019.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **GÊNERO NA TEORIA SOCIAL Papéis, interações e instituições**. 2010, 15. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf>> Acessado em: 09 de Agosto, 2019.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /Dez. 1995, pp. 71-99.

Tradução de DABAT, R. C; ÁVILA, B. M. Disponível em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAner-o-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAner-o-Joan%20Scott.pdf)>. Acessado em: 28 de Abril, 2019.

SILVA, A. F; SILVA, P.P. F; TAVARES, S. E; OLIVEIRA, G. S. H; NEVES, M. L. A; SILVA, R. I. **Atenção psicossocial a homens autores de violência conjugal contra a mulher: uma construção participativa**. São João del-Rey, janeiro/junho 2015. n, 181, p. 177-190. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082015000100015](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000100015)> Acessado em: 04 de Maio, 2019.

VIANA, Alan M; FERRARINI, Norma L. **A lacuna moral na educação de meninos: o impacto das novas configurações de masculinidade na subjetividade infantil**, 2016.

Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/download/85/52>>. Acessado em: 07 de set. 2019.

VYGOTSKY, L. (1991). **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Wieviorka, M. Editora Ltda. São Paulo - SP 1991 4ª edição brasileira Departamento de Ciências Biomédias USP Revisão da tradução: Monica Stahel M. da Silva (2006).

Disponível

em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/51792/mod\\_resource/content/1/A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20Social%20da%20Mente.doc](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/51792/mod_resource/content/1/A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20Social%20da%20Mente.doc)>. Acessado em: 04 de abril, 2019.